

COISAS COMPARADAS: COISAS QUE SOMENTE HÁ, SE COMPARADAS:  
GESTO.COLETIVO. ARTE.POLÍTICA – 50 DITOSMiguel Jost<sup>1</sup>

Pontifícia Universidade Católica-Rio

Roberto Corrêa dos Santos<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

1. Das comparações, das proximidades entre artes de toda espécie, algo se destaca no hoje nosso, no hoje do Brasil: a política, uma arte forte entre as artes fortes; cuida-se de cruzar, tudo cruzar-se com e na política.
2. Arte.política, falamos da – da inseparabilidade dessas duas ações; ambas e ao mesmo instante agindo em uma obra: fruto de um pensar.ativista. Nomeação constante do vocabulário de uma teoria artístico-política nascendo junto da ideia de contemporâneo, local de saber no qual as inquietudes se encontram muito menos voltadas para o clássico tema atinente ao belo (embora o belo possa ser um dos tópicos de exame) do que sobre o quanto-de-pergunta uma obra é capaz de produzir.
3. Cabe assim, pois, dizer do gesto.coletivo: gesto da cooperação, o de produzir o comum; aquele que cria a tópica da comunidade entre coisas, entre obras, entre

---

<sup>1</sup> Professor colaborador do Departamento de Letras da PUC-Rio, é doutor em Estudos de Literatura por esta mesma instituição onde atualmente conduz também a pesquisa de pós-doutorado “Coletivos de Cultura – Uma Experiência de Políticas do Comum na Cidade do Rio de Janeiro”. É membro no grupo de pesquisa “Textualidades Contemporâneas: Processos de Hibridação” da Universidade de Brasília. Pesquisador musical, organizou e assinou os prefácios dos livros *Samba Falado – Crônicas musicais de Vinícius de Moraes* e *Entrevistas do Bondinho*, compilação de uma série de entrevistas com personagens do teatro e da música popular dos anos 1960 e 1970. Publicou artigos e ensaios sobre cultura brasileira em livros, jornais e revistas acadêmicas como a Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) e a Revista Ipotesi (Letras-UFJF).

<sup>2</sup> Roberto Corrêa dos Santos é poeta, semiólogo e professor de Estética e de Teoria da Arte do Instituto de Artes da UERJ. Realiza pesquisas sobre arte e teoria da arte, sobre performance e escrita contemporâneas. Entre os vários livros publicados, o mais recente chama-se **Cérebro-Occidente / Cérebro-Brasil** (Rio de Janeiro: Editora Circuito Editora, 2015)

seres, e com poder decisivo para a vida, para o entendimento das sociedades, para o entrar nos fazeres contemporâneos do Ocidente (esse problema sem fim, o Ocidente!).

4. Arte.política, estado de feitura de elos entre sensações e estratégias. Sensações e estratégias contrárias a qualquer espécie de colonialismo. Gentes e grupos e civilizações são ora mais ora menos fortes; gentes e grupos e civilizações muitas vezes se julgam no direito de querer civilizar com seus valores outras gentes e outros grupos e outras civilizações: colonialismos, terríveis colonialismos: e seus variados mecanismos de dominação.
5. O gesto.coletivo age e estrutura diretamente o campo da arte e clama por toda uma cadeia de discursos aí produzidos, nesse sítio, no do gesto.coletivo, produzido.
6. Pós.anartistas sejamos: talvez, talvez! Artistas.pensadores.pós.anarquistas: talvez, talvez; na convenção da chamada arte dizem que para uma ação ser arte.política se impõe que de algum modo assim ela se nomeie: um coletivo de gesto.coletivo pega o telefone e diz que pertence (sem pertencer) à Firma X, liga para imprensa; pede desculpa por danos causados: declara em público que todos os atingidos terão reembolsos, faremos tudo! Dá-se, pois, o alarme, publica-se com a voz dos políticos.artistas o compromisso da Firma X. A Firma X não tem como escapar: pagará, seu Capital escorre.
7. De meados do século XIX até quase meados do século XX, o gesto.coletivo não ocorrera, muitas vezes, de modo radical no campo da arte e no da cultura; esteve preso, muitas vezes, a perspectivas teleológicas; supunha-se então, para as artes e para os saberes, um fim a cumprir segundo destino imaginado pela ‘luz’ intelectual de um certo conjunto de atores pensantes; apontava-se mais para uma verticalidade da ação do que para sua horizontalidade disseminadora e plural; reificava-se assim, muitas vezes, a lógica representativa do falar ‘em

nome de’.

8. Eis: Alexandre Vogler: um artista de arte.política completamente de arte.política; de gesto.coletivo. Criaram um carro defumando para afastar os maus espíritos todos que abafam, destroem e controlam o Rio de Janeiro!
9. Antes do gesto.coletivo contemporâneo e radical, incluía-se como programa para arte e para cultura uma espécie de promessa de felicidade vinda de um futuro em que finalmente se realizaria o perfeito pacto conciliatório de uma sociedade a vir; uma sociedade que mesmo diante de todos os traumas de sua violenta formação jamais convivera com a expectativa contínua de um conflito civil interno ou de uma guerra externa ou e de outros variados fantasmas que rondaram a maioria das sociedades ocidentais: talvez por isso, grande parte dos movimentos artísticos brasileiros, ali, tenha-se inter-face-ado ao (juntado a, entrelaçado a) chamado ‘pensamento social’ bruto: arte e política, mas sem o gesto.coletivo aberto; não arte.política. Acreditávamos demasiadamente em Maiakovski, no grande Maiakovski: se houvesse em algum lugar um homem feliz, este estaria no Brasil!
10. Abalos. Arte.política: abalos. Alexandre Vogler e seu enorme cartaz lambe-lambe, quase completamente negro: e um vãozinho retangular; se você olha atentamente, verá: um trecho da revista *Veja*, de olho em nós com seu olho manchado espiando. Então você vê: *Veja* está te vendo, *Veja* te está colonizando – impunemente.
11. E assim – bem mostram estudos vários – faz-se o silenciamento das mazelas e dos conflitos sociais no Brasil: nasce a ilusão de um país tomado pelo ângulo de uma perigosa programática-otimista-de-espaco-conciliatório.
12. Olhemos esses grafismos de arte.política da Globo como um símbolo do

G/l/olpe/bo. A mesma palavra juntada em uma mesma imagem.

13. Tal fantasma de ‘pacto conciliatório’ recalca a violência com que se formara aqui a noção de Brasil: tal fantasma retorna, neste 2016, na carne de uma massa de acontecimentos e homens de sangrento desenho conservador e reativo e virulento; acontecimentos e gentes de uma ‘elite’ a trabalhar para a recuperação do controle: nada mais evidente no plano político do que a reação aos governos de Lula e Dilma, os que, pela primeira vez conseguiram promover uma alteração dos fatores desta equação a envolver moeda e povo.
14. E o pano-de-chão com a cara do Temer. Uma ideia tão simples: arte.política.
15. Arte.política, quando artes e políticas vivas: eis-nos no Ministério da Cultura (nos oito anos do Governo Lula) com os Ministros Gilberto Gil (2002 a 2008) e Juca Ferreira (2008 a 2010); como se em um milagre, reorientam-se de modo afirmativo as premissas até então consolidadas no debate artístico-cultural-brasileiro; para o comparar obras e atos, rascunhos aqui de uma genealogia e de suas viradas eólicas: 15.a. Políticas públicas para cultura no Brasil, historicamente estiveram sob dois regimes, ou o patrimonialista ou o pedagógico; 15.b. O regime patrimonialista prevê a ideia de pesquisa, recolhimento e preservação de materiais artísticos e culturais como foco na formação de um acervo que se pode traduzir na criação de museus, bibliotecas e demais espaços voltado para o reter. Dados e materialidades formadores de uma ideia de tradição da qual se alimentam os Estados nacionais. Mote permanente: preservar e tornar cada vez mais gordo o corpo-da-tradição; 15.c. O regime pedagógico prevê a ideia de cultura como meio de conscientização social, como formadora, como capaz de conceber uma ordem de cidadania mais ampla: o modelo nosso desse modo de entendimento mais paradigmático abarca os Centros Populares de Cultura da UNE; desenvolvem-se, aí e entre nós, ações de arte engajada; 15.d. As ideias de arte e de cultura (inclusive em diferentes

atitudes-de-esquerda) têm-se marcado por um vetor de hierarquia: o intelectual-da-arte-e-da-cultura não hesita quanto ao conhecimento do que sejam ‘povo’, ‘sociedade’, ‘comunidade’ (ainda em 2016, no campo das artes e das culturas, ainda dividem e se separam categorias como produtor-autor-sujeito das de público-receptor-objeto!).

16. Excelente. Quanto mais simples, mais excelente. E ao mesmo tempo a cara de Temer no pano-de-chão conversa (arte.política) com a ideia (arte.política) lá do Helio Oiticica: sua homenagem ao bandido amigo seu, o Cara-de-Cavalo: na pequena bandeira: “Seja marginal, seja herói”.
17. Um dos locais implementadores tanto do pensar quanto do cruzar as redes entre artes, as redes entre culturas e as redes entre artes e culturas situa-se nas chamadas Políticas Públicas: necessárias. Necessárias.
18. E que se diga: nenhum respeito pela dominação midiática no Brasil: dominam de tal maneira que interditam as tantas possibilidades de coisas que querem e podem emergir; tudo fazem para que haja a miséria humana continuada; a seu redor, nada que não seja: lixo e engano.
19. Com Gilberto Gil, dá-se vigorosa intervenção do governo Lula, indo para fora daqueles regimes ora patrimonialista ora pedagógico; vê-se que a pobreza deve ser erradicada: e não sua experiência! E não seu lugar de força – terreno vital do experimentar: espaço de potência, de abertura, de desejo, de vocação para a vida forte, nosso melhor saber-fazer. Basta olhar o que nesse Tempo-Lula-Dilma ocorreu na música, no teatro, nas artes visuais e audiovisuais ampliadas e articuladas pelo saber popular. Inventaram-se diferidas linguagens artísticas, mil formulações: autodidatismos livres, voos, inventos.
20. O modelo Globo penetra em outros canais: o fator-preconceito soma-se ao fator-ilusionismo. Morenos e negros ficam brancos: filtros de telas especiais,

maquiagens, modos etc.: apunhalam um Brasil moreno, um Brasil negro, um Brasil mestiço: isso, isso também ditadura e golpe.

21. E a partir de 2002, uma outra vontade política assinala o anterior caráter tantas vezes ingênuo daquelas anteriores pedagogias político-artístico-culturais, mesmo dentro de um campo progressista de esquerda.
22. Arte.política: o discurso maravilhoso da Presidenta Dilma Rousseff apresentando-se ao senado federal que sem provar dolo algum irá retirá-la à força de violência antidemocrática de seu trabalho pelo país. A Presidenta Dilma Rousseff: uma filósofa de política. Assistimos a tudo. Daí nosso cansaço. A Presidenta Dilma Rousseff deu aulas para aquela fraca e hedionda gente toda, quase toda (havia os bravos, os raros bravos a seu lado): olharam-na os canalhas com o rabo entre as pernas. Não apareceu durante na TV aberta! A TV aberta esconde das pessoas uma mulher magnífica: saber, postura, força, excelência, audácia. Ali, no senado, ministrou a Presidenta Dilma Rousseff, durante horas do vil interrogatório, ministrou um curso completo sobre polis, vida pública, ética: arte, sim: arte.política.
23. Naqueles anos 90, agora já distantes, ou nem tanto, a total ausência de políticas econômicas e sociais de impacto direto sobre as populações mais pobres aumentava e explicitava o abismo entre as classes ditas ‘altas’ e ditas ‘baixas’.
24. Anotado está para sempre esse nome: Marilena Chauí, a mais ampla e fértil pensadora do Brasil: somos por ela apaixonados. Com ela, rumamos de Espinoza ao Brasil. Dilma e Marilena: mulheres: grandes alturas.
25. Naqueles anos 90, eram necessárias ações que pudessem preencher o abismo, e tais ações, à época, contavam com fortes mobilizações do capital estrangeiro, via redes de solidariedades construídas por organizações não governamentais e movidas por um fluxo financeiro grande de fundações e instituições

internacionais: em geral, as primeiras ações propostas foram no campo da arte, da cultura e da educação; portanto, priorizaram o ocupar dos ‘espaços idílicos’ das favelas cariocas e das periferias paulistas

26. Marilena Chauí assinala letras imperando hoje na câmara e no senado, assinala os três *bs*: bíblia, boi, bala. Não estamos representados. Situação tão infeliz, precisamos dizer isso; infeliz. Táticas de colonização abraçam-nos sufocantemente, invadem as casas; calados, estamos hora a hora mais calados: bala, boi, bíblia. Não suportam o lema do *nenhum direito a menos*.
27. A injeção financeira em territórios desamparados de qualquer ação do estado e do poder público foi inicialmente um instrumento de mediação entre uma elite, que por mais ‘bem-intencionada’ que fosse, trabalhava pela manutenção do protagonismo do seu lugar de poder. Uma camada da população mais pobre pela primeira vez experimentava algum tipo de acesso – acesso – aos meios de produção cultural. Mas ter uma fatia de orçamento, ter aos meios materiais que normalmente o estado deveria suprir? Isto sim representaria uma experiência expandida, voltada para o crescer. Chegaria 2002.
28. Arte.política: recursos todos existentes e relativos às sensações: recursos a bem das estratégias de luta; como por exemplo a A da palavra *presidentA*: um signo político. Quando – neste instante histórico de guerra para o lugar real e firme das mulheres no Brasil – se diz “*presidentE*”, marca-se a senha de quem fala, marca-se triste cegueira diante da escandalosa misoginia, por aqui, a exercer brutos crimes psicológico-físico-patrimoniais.
29. Entre os melhores exemplos de ações provocadas por agências não-governamentais (pelo menos na cidade do Rio de Janeiro), nos 90, encontram-se as realizadas pelos Grupos Fase e Viva Rio, ao perceberem que sua noção de representatividade não dava conta de expressar a potência já desde sempre existente nos territórios em que promoviam atividades.

30. Pelo Direito de identidade: gritemos. Uma pessoa sabe como quer ser vista, como quer ser nomeada. A pessoa designa sua identidade. Arte.política: e gêneros.
31. Em sua maioria, os grupos eram geridos e pensados por antropólogos e sociólogos, nos 90. Muitos destes mal sabiam locomover-se nas áreas de atuação! Muitos, em sua missão educacional, acreditavam que o acúmulo do saber acadêmico-universitário seria suficiente para interpretar e traduzir o que desejavam as pessoas incorporadas a seus programas de inclusão! Uma forma de atuar totalizante e hierárquica, uma educação artística dura e pouco aberta à experimentação e ao ampliar do desejo estético já ali existente e aguçado e comunitário. Ótima reflexão acerca dessa lógica no longa-metragem *Quanto vale ou é por quilo*, de Sergio Bianchi.
32. O livro *Aos nossos amigos: crise e insurreição*, feito pelo Comitê Invisível, escreve que se deve ter em mira o fato de que não é viável agir legalmente diante do que se expõe com todos os instrumentos do ilegal (Essa não é a lei do esgrimir!).
33. O campo macropolítico e o Estado estabeleceram, nos 90 especialmente, a extrema confiança de que o poder público poderia ser substituído por uma ação vertical, geradora de competitividade – movimentos típicos do modelo privado de pensar a sociedade.
34. No contemporâneo, que se destaquem: a produção do comum: a cooperação: o gesto.coletivo: as comunidades; e morte ao caráter vertical da vida social; levantes por uma arte ativista de horizontalidades repletas de vetores que possibilitem aproximar, recuar, dobrar, esticar, costurar, romper, tornar múltiplo o múltiplo.



35. No contemporâneo, o entendimento de que os agentes antes inseridos como coadjuvantes nos programas de assistência cultural-social gestam: empregam e alargam dia a dia a inteligência de seus corpos e de seus territórios e de seus abrangentes capital e subjetividades.
36. Um amigo nosso disse ter feito muito para determinada pessoa entrar mais livremente no mundo das coisas, e que sabia ele que a mesma pessoa referida igualmente o faria entrar no mundo de outras e outras coisas; tal ocorrerá, não por recompensa: por parceria.
37. Eis-nos em face de um Brasil em estado de holocausto, o golpe; Deleuze declara ser necessário furar o cano. O cano: algo que arrasta uma coisa daqui para lá, sem respiração. O golpe midiático-jurídico-parlamentar põe fungos na árvore nossa, disse a PresidentA Dilma Rousseff.
38. Hal Foster, em *O retorno do real*, analisa com suporte comparatista, maneiras de fazer e de olhar obras artísticas distintas, nas quais se verificam as confusas dobras que separam e unem a um só instante os atos do etnógrafo e os do artista: o mundo e a obra e a vida unidíssimos e em conflito; diz Foster notar-se que a inveja dos etnógrafos em face dos artistas se inverteu, pois muitos artistas, hoje, invejam os etnógrafos: a toda hora, no contemporâneo, tal ‘inveja’ faz surgirem deslumbrantes obras. Citemos três mulheres-artistas-do-Brasil: Ana Hupe, Lucia Vignoli, Nena Balthar. As ilhas, as cidades, os índios, as viagens, as gentes, os plantios etc.
39. E as imagens que se produzem no inferno-do-mercado? Não querem partilha, querem dominar, render, solapar. E as edições-cortes-montagens que qualquer TV brasileira faz quando algo se põe do lado certo da História, o lado dos que não têm? Abomináveis.

40. E tudo tramado no dentro do Brasil em obediência a ambições geopolíticas.
41. E os tantos e tantos agentes-propositores-artistas oriundos dos territórios mais pobres das grandes cidades e capitais brasileiras, com suas experiências e suas subjetividades potentes e ini-guais:
42. Escarramos a palavra austeridade quando a palavra tenta aprisionar a quem se dirige, excetuando-se, covardemente, quem a pronuncia em tons de drama burguês. Arte.política. Arte.política. Arte.política. Arte.política. Repetimos: que escarremos a palavra austeridade quando a palavra tenta aprisionar a quem se dirige, excetuando-se, covardemente, quem a pronuncia em tons de drama burguês. Arte.política. Arte.política. Arte.política. Arte.política.
43. O Presidente Luis Inácio Lula da Silva responde em entrevistas sobre os motivos da escolha de Gilberto Gil para Ministro da Cultura, em palavras nossas: *ele, Gil, era o que mais ecoava do que ele, Lula, havia aprendido com agentes culturais da periferia paulista, ou seja, não cabe ao governo 'levar' cultura, cabe sim reconhecer a cultura produzida por seres e territórios.*
44. As supostas 'democracias' ricas, dos países ricos, são as que mais necessitam de atos ditos antiterroristas. O *Comitê Invisível*: quanto mais se disser haverá terrorismo, mais se vendem armas, mais se justificam a repressão, o comando, o controle. Quanto mais se mais se disser que há crise, mais todos estaremos em susto e subjugados. Crise e terrorismo: palavras intimidadoras. Na recente Olimpíadas, uns meninos conversavam na web sobre questões genéricas da Palestina, foram presos, ninguém tinha nada, um dos meninos dizia pretender comprar uma arma no Paraguai. A caça, a publicidade da caça totalmente serviço de uma vontade de dizer, nacional e internacionalmente: estamos preparados. Imediatamente descobriram alguns meninos terroristas. Uma arma do/no Paraguai!
45. Projetos como o Cultura Viva, de Lula-Gil: radicais apostas na descentralização dos

fomentos pelas agências do Governo e no reconhecimento destes sítios ditos periféricos como espaços de fazeres contínuos e que poderiam ser articulados em uma rede nacional. Assim, não só se ativavam espaços desamparados de recursos das políticas públicas culturais historicamente, como se colocavam mais algumas camadas no debate da superação do uso dos conceitos de centro e periferia. A pergunta passa a ser quem é centro de quem, ou quem é periferia de quem: o Brasil da diversidade era, pois, o Brasil de muitos centros, todos capazes de viabilizar a produção artística e cultural dos e em seus territórios, capazes de abrir uma série de desdobramentos relevantes nos entornos. O papel do Estado: proporcionar condições para o desenvolvimento de inúmeros centros; articular meios mais amplos de circulação das coisas produzidas; elaborar outros mapas da arte e da cultura. Vivificar.

46. Durante este período pós-golpe, sumiram dos meios de comunicação o terror-zika-chikungunya-dengue; sumiram as palavras, não as coisas. E quem não sabe que sempre será a pretexto de reformar a economia, tornado-a privatista, que a violência se expande (indaga o *Comitê Invisível*)?
47. Voltemos, pois, à noção de gesto.coletivo nos oito anos Lula ativado: eis agora as práxis de colaboração. Todas em 2016 – sob o golpe de 2016 – em ameaça de morte súbita.
48. Sim: uma obra será tanto mais potente quanto mais perguntas possa oferecer e provocar: ligar-se menos à forma: mais ao pensamento, que é por vezes sutilmente ação; que é por vezes escandalosamente ação.
49. Aqui estivemos a tentar expor certo método-teórico-crítico atinente à emergência do termo gesto.coletivo como maneira de denominar grande parte das organizações culturais ativadas desde o Tempo Lula. Dilma: gesto horizontal, necessariamente poroso, pensado como uma diversa natureza político-econômica da arte e da cultura, pensado como um ecossistema capaz de assinalar enorme número e nomes

atores-artistas-intelectuais de toda parte. Atores que formam a mais significativa resistência ao processo ilegítimo de destituição da Presidenta Dilma Rousseff: em todo o Brasil foram articuladas ocupações de espaços e equipamentos públicos da arte e da cultura: manifestações que criaram a visibilidade do tirânico processo de assassinato de um Projeto Político Vital. Atores que oferecem um ponto de vista alternativo ao discurso oficial promovido por meios de comunicação homogeneizadores e deformadores, ao lado setores dos poderes judiciários e legislativos. Diferentemente de outros momentos históricos (em que as vozes que se ergueram com mais força como vetores de resistência política foram as das organizações trabalhistas e dos movimentos sociais tradicionais), neste Brasil pós-Lula-e-Dilma (pós-Gil-e-Juca), é na arte e na cultura que se encontra mais visivelmente a necessária e urgente sapiência do resistir.

50. Reza por mim, Roberto, você reza? Reza por mim, Miguel, você reza?

#### Bibliografia:

- COHN, Sergio; FERRON, Fabio; HERENCIA, José Luiz; LUZ, Afonso;  
SAVAZONI, Rodrigo. (Orgs.). *Produção cultural no Brasil*. Vol 1. / Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2010.
- FOSTER, Hal. *O retorno do real*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- INVISÍVEL, Comitê. *Aos nossos amigos: crise e insurreição* [trad: Edições Antipáticas]. São Paulo: n-1 edições, 2016.
- SENNET, Richard. *Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

**Recebido em:** 28 de outubro de 2016.

**Aprovado em:** 20 de novembro de 2016.